



FOTO: DIVULGAÇÃO

# MISTURA e inovação

**Banda pernambucana Rivotrill vem se solidificando como uma das propostas mais interessantes no que diz respeito à música instrumental.**

**POR LAMAR OLIVEIRA**

**H**á tempos que a música brasileira sempre se destacou mundo afora, quer pela grande universalidade de suas estruturas melódicas e harmônicas, quer pelo virtuosismo de seus intérpretes ou, até mesmo, pela tensão causada em tentar definir e classificar um tipo de expressão artística que engloba uma infinidade de combinações e estilos. Tal conglomerado é expressão de um país também culturalmente aberto a experiências estéticas e sociais tão complexas que fica difícil (e até controverso) definir os rumos que nossa musicalidade tomará. Mas há boas novas surgindo a cada momento, e o presente se enriquece com mais uma idéia musical que tomou forma

e ganhou sentido recentemente, saído das mentes criativas de três jovens músicos nordestinos que, certamente, será mais um feliz destaque atemporal de nossa sonoridade tupiniquim: o grupo Rivotrill.

Formado há pouco mais de dois anos, o Rivotrill é composto por Júnior Crato (flauta, saxofone e teclados), Rafa Duarte (contrabaixo elétrico) e Lucas dos Prazeres (percussão) e se constitui, de acordo com as diversas fontes espalhadas pela grande rede virtual, numa das formações mais originais e criativas já surgidas no cenário musical instrumental brasileiro. Adjetivos à parte, tal reconhecimento não é gratuito: nunca houve na história da música brasileira (e, se quiser delimitar espaços estéticos, na música instrumental brasileira) um grupo cuja formação se centrasse apenas num trio em que o front é uma combinação exclusiva e peculiar de sax/flauta, baixo e percussão (com um pequeno desconto aos mineiros do grupo instrumental UAKTI, onde a percussão e a flauta situam-se na linha de frente do conjunto, mas sem a presença marcante de um baixo elétrico e cuja sonoridade é também diversa à proposta de nossos irmãos nordestinos).

E por falar em proposta, qual é mesmo a do Rivotrill? “Fazer música instrumental com bom humor e qualidade”, de acordo com o próprio dizer dos integrantes, presente no release oficial do site do grupo. Ademais, fazer música de qualidade parece ser um distanciamento presente em nosso atual cenário musical, onde a banalização e a mediocridade são constantes categóricas reinantes (como se percebe claramente, para citar alguns exemplos, na representação da mulher nas “letras” das “músicas” de forró; no persistente “canto” gutural e insuportável da “música” sertaneja e, claro, sem falar naqueles grupos grotescos e surreais que os meios de comunicação de massa teimam em classificar de “pagode romântico”), cujo protecionismo organizacional da mídia brasileira vem apoiando a massificação da vio-

lência em nossa sociedade, resultando numa evidente estratégia de embrutecimento dos valores e comportamentos sociais nobres, justificando aquilo que o grande maestro americano Frank Zappa classificou, nos anos oitenta, de “retardamento sóciomusical”. Contudo (e salve!), não é o caso por aqui, ao retratarmos as diversas influências percebidas na música do Rivotrill. Com pitadas de música latina e afro-brasileira, temperada com a diversidade rítmica da musicalidade nordestina, o som do grupo é notadamente influenciado pela grande exploração da liberdade de improviso característica do jazz (principalmente o europeu, cujas raízes são



Banda Rivotrill em uma de suas apresentações

marcadas diretamente pela música erudita), da música instrumental brasileira (através da música de mestres como Hermeto Pascoal e Egberto Gismonti) e do rock progressivo dos anos setenta. A posição estabelecida em fazer música instrumental já é uma consequência reveladora das influências musicais descritas anteriormente: a escolha pelo uso timbrístico da flauta é o sopro ecoado no passado por alguns dos grandes mestres da música “clássica”, concomitante à presença do sax, marca registrada do jazz (inclusive, tal influência deste gênero musical foi homenageada pelos integrantes do Rivotrill com uma releitura de “Serenade to a Cuckoo”, do grande mestre Rahsaan Roland Kirk — música esta também já regravada pelo grupo progressivo inglês Jethro Tull em seu primeiro trabalho, “This Was”, de 1968). Aliás, grupos de rock

progressivo como Jethro Tull, Focus e Gentle Giant também são referências maciças do Rivotrill em sua musicalidade.

Coincidência em vista pela influência progressiva, exatos quarenta anos depois da publicação do excelente disco e já citado primeiro trabalho do Jethro Tull, “This Was”, é lançado em janeiro de 2008 no Teatro Santa Isabel, em Recife (PE), o primeiro CD do Rivotrill. Intitulado “Curva de Vento”, o disco é uma gama biográfica das idéias musicais de cada um dos integrantes: há um toque extensivo de avant-gard, onde os cômodos de uma casa abandonada serviram de estúdio para a gravação master do álbum, em que o aproveitamento de timbres tão inusitados como o som de uma chuva, uma flauta no banheiro, o canto de uma cigarra, vários brinquedos e o registro nada convencional do contrabaixo e da percussão ora enfiado numa cisterna, ora embaixo de uma escada, deram a textura necessária para captar os sons contidos em cada faixa do disco, fazendo um elo consistente com uma das idéias mais marcantes da música contemporânea e do gênero ambient music, conceito extraído a partir de trabalhos de músicos importantes como John Cage e

Brian Eno. Analogias à parte, o primeiro registro do grupo conta com participações especiais de nomes de peso como Naná Vasconcelos, Maestro Spock e Yuri Queiroga, este último também assinando a produção do disco ao lado da banda.

É certo que tal proposta ainda irá dar excelentes frutos no futuro, enriquecendo cada vez mais a qualidade da música brasileira.



[www.rivotrill.com.br](http://www.rivotrill.com.br)